

RESUMO: Neste estudo, partimos do pressuposto segundo o qual os grupos de *chat* desenvolvem um senso de comunidade discursiva (Crystal, 2002), para descrever as opções lexicais de um grupo de usuários de *chat* como marcas indicadoras de uma construção de identidade coletiva (Araújo, 2003). Usamos o método etnográfico para conhecer o grupo e construir os dados que serviram para a análise. O resultado mostra que os *internautas* elaboram um léxico idiossincrático através dos recursos da abreviação, da criação e formação de palavras, previstos no sistema, além de expressões relativas aos seus *nicknames*.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero *chat*, comunidade discursiva, léxico, etnografia.

1. Introdução

O uso da tela digital, como suporte para novas situações comunicativas, desperta a atenção dos estudiosos sobre o modo como se configura o uso da linguagem neste espaço. Neste sentido, relacionamos a *Web* com o conceito de esfera complexa de comunicação humana, desenvolvido por Bakhtin ([1953]2000), para defender que as práticas sociais ali desenvolvidas reclamam dos usuários novos letramentos (Araújo, 2003). Isto se materializa na explosão de vários gêneros emergentes desta esfera, conforme atestam muitos estudos¹.

É notório como a comunicação mediada por computador (CMC) ou o discurso eletrônico² desafia teorias clássicas, como por exemplo os alicerces da famosa dicotomia oralidade e escrita, como bem mostra Yates (2000) com o *continuum* dos gêneros da esfera eletrônica. De acordo o autor, a fronteira entre uma e outra modalidade da língua tende a se dissolver diante dos aspectos de hibridização que a linguagem em uso assume na tela digital. Isto significa que os elementos próprios da escrita e os da oralidade se fundem harmonicamente nestas interações, de modo que não há como estabelecer uma separação abrupta, cabendo ao estudioso entender a linguagem a partir da noção de *continuum* (cf. Marcuschi, 2001: 18).

Entre as muitas situações comunicativas da *Internet*, interessamo-nos por aquelas que ocorrem em tempo real, isto é, as interações síncronas, designadas por nós de *chat*. Este evento comunicativo tem servido a muitos interesses, sendo o de função educacional o mais estudado (cf. Pelletieri, 2000; Horton, 2000; Abreu, 2002; Yi Yuan, 2003; Araújo, 2004; 2004b). Uma das constatações que se mostra mais ou menos consensual entre os pesquisadores diz respeito ao fato de que a ambiência virtual de uma sala de *chat* permite uma maior gerência dos alunos sobre sua aprendizagem³.

¹ Batista (1999), com o *e-mail* de troca de informações; Xavier & Santos (2000), com o fórum eletrônico; Komesu (2001) e Araújo P. (2003), com a *home page* ou o *cibergênero*; Erickson (1997; 2000), Horton (2000), Araújo (2003; 2004), Abreu (2002) e Marcuschi (2004) com os *chats*, para citar só estes.

² É interessante salientar que certos autores, como Davis & Brewer (1997) e Jonsson (1997) preferam o termo “discurso eletrônico” à expressão “comunicação mediada por computadores” (CMC) porque enquanto a última focaliza o canal por onde ocorrem estas interações, a primeira centra esforços no uso da língua que os usuários fazem para se comunicarem em Rede.

³ Recomendamos o estudo de Robert Hoffman (1996), para quem a *Web* é um “meio sem rosto” que facilita o desenvolvimento do aluno. No Brasil, há excelentes estudos que também constataram que o gênero *chat* quando usado para fins educacionais desenvolve autonomia nos alunos. Vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Parreiras (2001), Motta-Roth (2001) e Fonseca (2002).

Mas o gênero *chat* não se limita só aos propósitos comunicativos de cunho educacional. De um modo geral, esta situação comunicativa se manifesta em “uma atmosfera [...], sobretudo recreativa” (Crystal, 2002: 196). Por esta razão, Crystal chega a compará-lo a um jogo dinâmico de linguagem que se assemelha a uma grande festa para a qual os participantes levam, não uma bebida, mas sua linguagem. Visto por este enfoque, o autor defende que “a conduta lingüística compartilhada precisamente por seu caráter insólito, favorece a criação de uma comunidade” (*idem*). Esta idéia não é um consenso entre os autores. Erickson (1997), por exemplo, contesta ao salientar que a expressão *comunidade virtual* é freqüentemente usada para descrever grupos grandes que se utilizam de conversações intermediadas pelo computador para se comunicar [e afirma que em seu trabalho] tais conversações podem ser melhor visualizadas como instâncias de um gênero participativo em vez de comunidade (p. 01).

Porém, para o presente estudo, interessamo-nos pela assertiva de Crystal, pois o objetivo maior deste trabalho é o de caracterizar o léxico de um determinado grupo de usuários de *chat* que, conforme mostramos em Araújo (2003), desenvolveu índices de uma genuína comunidade de discurso (CD), no sentido que lhe atribui Swales (1990; 1992)⁴. Por isso, nosso interesse é investigar a relevância do léxico que uma determinada comunidade virtual intitulada *Tananans*⁵ já adquiriu e continua a adquirir para sustentar suas crenças e valores, de maneira que o uso deste léxico provoca um estranhamento para os não-membros da comunidade. Para tanto, após a apresentação das decisões metodológicas, passaremos a apresentar e a discutir os dados.

2. Metodologia e cenário da pesquisa

Este estudo assumiu um caráter etnográfico porque tivemos a intenção de entender o universo discursivo dos *internautas* à luz de suas práticas em uma sala de *chat*. Esta decisão metodológica encontra sustentação teórica em Swales (1992), o qual mostra que, até um certo tempo, o estudo de CD era mais tarefa dos etnógrafos do que de lingüistas e em Marcuschi (2004), para quem “uma etnografia da Internet é de grande relevância para entender os hábitos sociais e lingüísticos das novas ‘tribos’ da imensa rede mundial” (p. 14).

Dessa maneira, para a sistematização do estudo sobre o grupo de *internautas Tananans*, procuramos, primeiramente, conhecer sua origem para, posteriormente, estudá-lo. Segundo a *home page* do grupo, tudo começou quando algumas pessoas, que não tendo muito o que fazer nos seus empregos durante o horário do almoço, passaram a freqüentar o Bate-papo do Uol. Sempre as mesmas pessoas na mesma sala... passaram a se relacionar. De freqüentar nas horas vagas para o dia todo foi um “pulo”. Mais tempo na sala conversando, se conhecendo e conhecendo mais pessoas, foi estreitando os laços de amizade. As horas de trabalho se transformavam em horas de lazer em poucos segundos, num apertar de teclas. Um belo dia, a irreverência Tananan começou a florir e o chapa Magoo, um dos que freqüentava a sala, vendo aquele povo todo teclando mais do que trabalhando, não se conteve e disse a célebre frase: “Vou dizer pro chefe de vocês tananan... vou dizer tananan”. Essa besteira mais do que besta acabou pegando. Daí surgiu esse nome: Tananan by Magoo. E *Tananan acabou virando sinônimo de Sala 01 de Fortaleza*” (<<http://www.betocereal.hpg.com.br>> [Grifos nosso]).

Atraiu-nos para esta sala o cuidado do grupo com o discurso que, pouco a pouco, se caracterizava como discurso próprio. Para viabilizar o estudo, transformamos em arquivos de *Word*⁶, as sessões de *chat* observadas⁷. Constatamos que o discurso dos

⁴ Este autor sugere seis critérios para definir uma Comunidade Discursiva, quais sejam: objetivos comuns, mecanismos de interação, mecanismos de participação, seleção crescente de gêneros, léxico em desenvolvimento e hierarquia.

⁵ Conhecemos este grupo, por acaso quando realizávamos as primeiras observações das salas de *chat*, a fim de sistematizarmos os dados para nossa Tese de Mestrado.

⁶ Transformar as sessões de *chat* em arquivos de *Word*, de acordo com Yi Yuan (2003), é um método de estudo desses textos conversacionais. Em nosso caso, conservamos os textos das seqüências da maneira

Tananans era também administrado pelo grupo, para que não se descaracterizasse, lembrando muito os critérios CD de Swales (1990; 1992) e a definição de Maingueneau (1998: 29). O exemplo (01), abaixo, mostra uma ocorrência desta natureza:

(01)

(13:10:16) **Secretã f@ëë**™ grita com Thaís: foi mal..msg errada!

(13:11:13) **Thaís** fala para **Secretã f@ëë**™: não entendi!

(13:11:55) **Thaís** fala para **Secretã f@ëë**™: o que é msg?

(13:12:19) **Secretã f@ëë**™ grita com Thaís: Mensagem!:-) ô bixinha burra! Já vi k esta anda looooge de ser 1 *tananan*. Logo vi. Com 1 *nick xulo* destes. Aprenda (M) en (S)a (G)em. Assim vc fica pra tras linda. Nossa fala tem regras basikas.

Conforme os itálicos neste exemplo, o discurso entre os *Tananans* assume um caráter normativo, estranho a quem não pertence ao grupo. Um outro aspecto que se observa logo nesse primeiro exemplo, diz respeito ao uso de *nicknames* estilizados e coloridos. Este fato chamou nossa atenção e decidimos adotar o *nick NAUM*, para ser aceito pelo grupo. Esta escolha é uma alusão à marca de nasalidade –*aum* tão freqüente nas “falas” do grupo (cf. Araújo, 2003). Acreditávamos que um *nickname* assim seria mais aceito. Neste sentido, quando nos apresentamos ao grupo, fomos recebido com euforia por parte de alguns e receio pela maioria. Paulatinamente, fomos sendo aceito, até que nosso apelido foi trocado como sinal de aceitação plena, como sugere o exemplo abaixo.

(02)

(17:38:48) **Secretã Spice**® grita com *O CIENTISTA*: c viu a msg q a veveh deixou no muro, pra vc? é só ir lá e dar um “Ctrl C” no nick do jeito q ela pôs e depois um “Ctrl V” no teu Word... entendeu?? Né?

De acordo com o exemplo, nossa alcunha de *NAUM* passou para *O CIENTISTA*. Como não sabíamos utilizar os caracteres, a fim de estilizá-lo, **Secretã Spice**® nos incentivou a irmos ao “muro”, um espaço reservado aos recados dentro da *home page* do grupo, para copiar a forma Ø ©;ëñt;st@. Este apelido nos foi dado por **Vãşçã;ñã** que o sugeriu como nossa nova “carteira de identidade” dentro da CD. Vejamos (03), abaixo.

(03)

(01:41:15) **Vãşçã;ñã** grita com Ø ©;ëñt;st@: É ESSE O SIGNIFICADO DO NICK:) É SUA CARTEIRA DE IDENTIDADE NA ONE⁸:)))) FOI UMA ESPÉCIE DE BATISMO NÉ?

Esta troca de apelido facilitou a etnografia, pois assumir um *nickname* com estas características era relevante para nossa aceitação no grupo e, sobretudo, para acessarmos o seu *discurso normativo*. Além disso, passamos a ser reconhecido a cada vez que nos conectávamos para a observação participante ativa, facilitando a interação com o grupo.

Tendo esclarecido os procedimentos metodológicos deste estudo, passaremos a análise do léxico dos *Tananans*.

3. O léxico *tanânês*: idiosincrasias no *chat*

como ocorreram durante o *chat*. Por esta razão, serão encontradas falhas de digitação, comuns nas interações via *Internet* e decorrentes, dentre outros fatores, da pressa com que os usuários digitam para conseguir manter contato com o maior número possível de participantes, quando se tratam de interações em tempo real. A única alteração que fizemos foi em relação à formatação de todas as seqüências para fonte *Times New Roman*, tamanho 10. Esta alteração eliminou o negrito que fica nas falas cuja força ilocucionária é o “*grita com*”. Este recurso, uma vez ativado, projeta na tela um texto com letras em negrito que dão a idéia de que os *internautas* estão gritando. No caso dos *Tananans* este recurso é bastante utilizado porque deixa as mensagens bem mais visíveis na tela.

⁷ Com base em Schwartz & Schwartz (1969), decidimos realizar esta observação de dois modos. Primeiramente, assumimos a postura de observador passivo, pois nosso intuito não era de interagir, mas de conhecer o máximo o grupo. Depois, apresentamo-nos ao grupo, adotando a observação ativa.

⁸ Referência a sala 01 da categoria *idades e regiões* do UOL.

Na comunidade discursiva dos *Tananans*, verificamos que o critério lexical se manifesta pelo menos por três maneiras: pelas abreviações, pela formação de palavras e pelas expressões relativas aos *nicknames*. Apresentaremos a análise, seguindo esta ordem.

3.1 As abreviações

Nas seqüências conversacionais isoladas para este estudo, encontramos dois tipos de abreviações: um que abrevia expressões ou frases inteiras e o outro que abrevia apenas uma palavra. No entanto, suprimimos o primeiro tipo em detrimento do segundo. O critério para essa decisão foi a produtividade, pois observamos que o segundo tipo de abreviação é mais usado do que o primeiro, por isso decidimos estudá-lo separadamente. Este comportamento lingüístico dos *Tananans* se apresenta em dois subtipos: abreviação com exclusão de vogais (43%) e abreviação com inclusão de vogais (57%). Estas percentagens revelam que a incidência de formas abreviadas é muito expressiva, pois no *Chat*, como bem salienta Crystal (2002), há uma tendência dos sujeitos para reduzir o máximo o número de caracteres. Segundo o autor as colaborações tendem a ser fragmentos de orações; e as palavras se reduzem ao uso de abreviações e iniciais [...]. O fato de que as mensagens sejam breves e distribuam-se rapidamente [...], traduz-se em uma das características mais distintivas das interações nos grupos de *chat* (pp. 183-4)

Sobre as interações dos *Tananans*, é possível observar que o grupo prefere a forma abreviada com vogal, embora o outro tipo de abreviação mostre um percentual considerável. De acordo com os dados, constatamos que a escolha referente ao percentual de 43% diz respeito aos membros mais antigos do grupo e mais experientes com o gênero *chat*, conforme o exemplo (04).

(04)

(01:19:02) »r;@« grita com Ø ©;ënt;št@: E AE PRF??? BLZ? A PSKZ T FMZ? KD JÁ ABRVIA BM???

(01:20:48) Ø ©;ënt;št@ grita com »r;@«: to aprendendo + ou - . Vc ABREVIU seu nick? pq?? 

(01:22:23) »r;@« grita com Ø ©;ënt;št@: arhã...»r;@«: = PRISCILA ERA GRNNND D+ GOSTOU?????????

Segundo este exemplo, há uma forma “mais correta” para abreviar entre os *Tananans*. Para membros antigos do grupo, como »r;@«, excluir vogais é a maneira mais aceita. O exemplo (04) demonstra que algumas formas abreviadas só se tornam compreensíveis porque o som que cada letra evocaria, oralmente, assemelha-se muito à palavra que representa. Este é o caso de KD (cadê) e BLZ (beleza). Em adendo, as abreviações como PRF (professor), PSKZ (pesquisa), FMZ (firmeza) e BM (bem) só se tornam menos herméticas porque os interagentes compartilham do contexto da conversa⁹.

Consideramos relevante salientar que as abreviações não só representam especificidade no léxico dos *Tananans*, como também denotam um aspecto estilístico muito saliente do gênero *chat*. A velocidade deste tipo de interação é tamanha que a abreviação se tornou norma no discurso. Isto se explica, conforme Jonsson (1997), porque existem muitas pessoas interagindo e o desenvolvimento de abreviações, torna-se indispensável para que a velocidade destas interações se aproximem da velocidade da fala. A autora destaca que esta prática diz respeito somente aos usuários mais experientes, conforme também constatamos aqui.

3.2 Formação de Palavras

Crystal (2002) observa que os participantes de *chats* tendem a criar um léxico unindo palavras existentes na língua, usando ou não a hifenização. Segundo ele, “todos

⁹ O grupo já conhecia o propósito de nossa participação no *chat*.

os grupos de *chat* se baseiam nestes processos, presumivelmente como um mecanismo de afirmar a identidade do grupo” (p. 192).

Sobre a necessidade da criação e formação de palavras, as interações do grupo evidenciam duas bases que julgamos pertinentes analisar. A primeira diz respeito ao nome do grupo e a segunda à palavra *reservadamente*, recurso presente nas telas de *chat* que permite que as interações ocorram entre duas pessoas, sem que os demais participantes acessem o texto conversacional (cf. Araújo, 2003; Marcuschi, 2004). Verificamos que tais palavras são assumidas, coletivamente, como bases para a formação de outras, através de processos previstos pelo sistema linguístico, gerando um léxico idiossincrático. Partiremos da primeira base para, em seguida, apresentarmos a análise que faremos da segunda.


Como veremos mais adiante, os *internautas* utilizam os processos de derivação e composição para criar novas palavras, assumindo como base o nome do grupo. Entre as palavras oriundas do primeiro processo, pode-se encontrar incidências de sufixação (22%) e prefixação (11%), enquanto em relação à composição, observam-se casos de aglutinação (67%). Esses dados demonstram a distribuição percentual dessas criações lexicais, considerando tanto a primeira quanto a segunda base.

De acordo com o primeiro caso, o processo de derivação sufixal é o mais produtivo para novas palavras. Este processo permite a criação de substantivos, adjetivos e verbos, pois, como observa Bechara (1997: 177), os sufixos se “revestem de múltiplas acepções”, o que possibilita seu emprego às situações mais variadas. Relacionamos este fato ao que Bakhtin ([1929]1981) chama de *necessidades enunciativas* dos falantes, já que os signos são criados para atender ao contexto social do grupo. De igual modo, Barbosa (2000) assegura que “a origem dos signos e a sua função acham-se ligados às necessidades sociais do grupo” (p. 177). Assim, entendemos que criar palavras, anexando diferentes sufixos à base já mencionada, denota um desejo coletivo de expressar a identidade e os valores do grupo. A seguir, passaremos a apresentar no exemplo (05) palavras, cuja formação se deu pelo processo de derivação sufixal.

(05)

(13:12:49) **Seçretã f@ëë™** grita com TODOS: (11:55) Thaís fala para Seçretã f@ëë™: o que é msg?/// VIRAM o k da faltar as aulas de *tanânês*???

(01:11:30) **GUSM Oh Yessssssssssssssssssssss** fala para Ø ©jënt;ş@: aeeee prof bem vindo a

tananada.....

A primeira palavra em itálico deste exemplo faz alusão a nomes de idiomas como *português*, *francês*, etc. O sufixo *-ês*, junto à base *Tananan*, parece mostrar que o modo de interagir na sala de *chat* destes internautas não é igual ao das demais salas, uma vez que o grupo desenvolve palavras e expressões próprias, de maneira que quem não participa assídua e ativamente do referido *chat* não pode aprender nem usar o “*tanânês*”. No segundo turno, o internauta sente a necessidade de nos “receptionar” bem e, para isto, usa a palavra *tananada* para aludir à satisfação de toda a sala em nos receber. Nota-se que, para dar conta dessa necessidade, o usuário combina o sufixo *-ada* com a palavra base. Esta formação imprime na palavra um sentido de substantivo coletivo, denotando ação ou movimento. Assim, este substantivo reforça a atmosfera de grupo fechado que os participantes querem imprimir na sala de bate-papo.

Além de substantivos, a derivação sufixal também é responsável pelo aparecimento de advérbios, adjetivos e verbos, conforme mostram, respectivamente, o exemplo abaixo.

(06)

(20:24:36) *^***indaÄgnes** grita com amigo29: o mais novo “MIGO“ *tanananamente* dizenu eh inf smmm :-)

(12:58:30) **b@nb@n@** grita com Seçretâ videokê @: naum tenho visto muito a hp to meio pu fora dos assuntos *tanânânicos*. Nem seker tenho visto ozimeios....

Verifica-se que no primeiro turno, o *internauta* adverbializa sua mensagem, utilizando duas vogais de ligação para formar a nova palavra mais o sufixo *-mente*. De acordo com Bechara (1997), tal sufixo permite a criação de advérbios de modo. Neste exemplo, percebe-se que o grupo assume um modo específico de enunciar. No segundo turno, a palavra formada ganha *status* de adjetivo graças à junção do sufixo *-ico* à base, ou seja, existem assuntos tratados no *chat* que são próprios dos *Tananans*.

O grupo também utiliza a prefixação, embora o faça com menos frequência, conforme evidenciam os 11% referidos acima. Pelo exemplo 07, abaixo, constata-se que o uso do prefixo *anti* acentua os comentários a respeito de *internautas* externos ao grupo que, imediatamente, tornam-se *persona non grata*.

(07)

(00:31:59) **!ñd!ñhã** grita com §µ¶ €® V@K@: dexesse abestado *antitananan* pra lá, miga.

Encerrando os exemplos relativos à primeira base, mostraremos duas ocorrências, cujo processo de formação é o de composição por aglutinação.

(08)

(20:25:54) *^***indaÄgnes** grita com amigo29: o cereal é mais um *tananauta*, mas axo kele kaiu. O kara é l dos primeiros, pense no respeito k Hlera tm..

(15:17:54) **NokululeOon@h@h** grita com TODOS: SENHORES PASSAGEIROS..DA TANANA VE APERTEM OS CINTOS PARA OUVIR OS MELHORES MIDIS.....RS

Em ambos os turnos, verificamos que muitos dos elementos das palavras em itálico sofreram supressão para serem criadas. O destaque do primeiro turno mostra a aglutinação entre *tananan* + *internauta*. Esta formação é muito usada para se referir a um membro assíduo à sala do grupo. O destaque do segundo turno demonstra a aglutinação entre *tananan* + *nave*, comparando, metaforicamente, a sala a uma aeronave.

Sobre o uso da primeira base, pode-se afirmar que a utilização do nome do grupo para a criação de palavras representa o interesse coletivo de manter um “contrato” lexical que rege as suas escolhas. O léxico resultante é, extremamente, idiossincrático e demonstra que o grupo não só produz um discurso próprio como também sabe administrá-lo.

Passaremos aos exemplos de formação de palavras, cuja base é a palavra *reservadamente*.

Segundo um *código* desenvolvido pelo grupo, o recurso que ativa o *chat* reservado foi abolido totalmente, de modo que, para expressar a ojeriza a este mecanismo, foram criadas novas palavras que passaram a incorporar o léxico “tanânês”. Seu objetivo é que as interações aconteçam, abertamente, e quando alguém transgredir a norma tem sua “fala”, imediatamente, copiada e enviada para toda a sala. Isto é designado por Marcuschi (2004) de “citação de fala *ipsis verbis*” que “é exclusivo desse gênero [chat]” (p. 47). À exceção da última, as demais ocorrências do exemplo (09) mostram casos de *citação de fala*. Todas, por sua vez, trazem formação de palavras a partir da segunda base.

(09)

(22:44:17) **Mãfãã@i§ h22ã** grita com Naum: (22:44:30) dengosa reservadamente fala para Mãfãã@i§ h22ã: alguém a fim de tc com garota de Aracaju? /// iiiiii pintou + 1 *reserbesta* na area dos Tananans

(01:13:31) **Vãçcãñã** grita com TODOS: (01:13:17) **H*H - SEXO** reservadamente fala para TODOS: ALGUM CARA A FIM DE TECLAR?/// PLEASE *RESERBICHA* PERTURBANU OS MENINOS DA TURMA NAUM

(00:14:38) §µ¶ €® V@K@ grita com TODOS: (00:14:08)Educado/Tarado/Gostos29 reservadamente fala para §µ¶ €® V@K@: oiiiiiii /// vcs viram?? este *reserkant* ??? MUUUUU
 (13:01:19) ®®Dr.Paulinho Carioca®® grita com TODOS: Oi, galerinha... To de

voltaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa.....E vamu tataniar no aberto pq naum sou *resernauta*_naum... 

Nos três primeiros turnos deste exemplo, verifica-se três barras inclinadas (///), indicando o fim da citação e o começo do comentário feito sobre o que se citou. Focalizando os comentários, observa-se que, no primeiro turno, o usuário aglutina a palavra *reservadamente* + *besta* para se referir a uma mensagem que lhe foi endereçada com o recurso *chat* reservado. Esta palavra rotula os *internautas* que não conhecem as normas do grupo e, por isso, interferem nas conversações.

Igualmente, no segundo turno, verifica-se a aglutinação da palavra *bicha* à base já mencionada, publicando a mensagem que a *internauta* julga indesejada. A forma grifada se refere aos usuários homossexuais que usam o *chat* para encontrar parceiros. Finalmente, o terceiro turno mostra que a palavra destacada faz alusão não à mensagem, mas ao *nickname* do autor da mensagem citada. Observa-se que após as barras, o comentário assume um tom jocoso para formar a palavra “reserkant”, combinação de *reservadamente* + *cantada*.

Embora o último turno não apresente uma *citação de fala*, consideramos relevante apresentá-lo porque este evidencia uma palavra formada pelo processo de composição entre *reservadamente* + *internauta*, cuja utilização rotula qualquer membro do grupo que usa, indevidamente, o recurso do *chat* reservado.

3.3 Expressões relativas aos *nicknames*

O último caso a se considerar a respeito do léxico dos *Tananans* é o uso de expressões avaliativas para quem não usa adequadamente os *nicknames*. Os membros do grupo são fiéis aos apelidos e vêem nele uma espécie de identidade. Sobre isso, Crystal (2002) afirma que

o nick é a *identidade eletrônica* [e sempre] diz alguma coisa sobre quem são e como agem os usuários de chat. As pessoas que sentem que pertencem a um grupo particular desejam conservar aquela identidade, quem sabe, assegurar que serão reconhecidas como sendo a mesma pessoa cada vez que acessar (p. 160 [grifo nosso]).

Destarte, uma maneira de os *Tananans* se reconhecerem é a utilização de caracteres na composição dos *nicknames*. Para efeitos de ilustração, comparamos os *nicknames* com caracteres especiais (70% - coloridos e estilizados) e os *nicknames* sem esses caracteres (30% - não estilizados). Como se pode verificar, a maioria dos *nicknames* é composta por caracteres especiais, e, dessa forma, quando algum membro do grupo esquece de utilizá-los em seu apelido, é possível constatar o uso de expressões que se referem à ausência desses índices, como bem ilustra o exemplo abaixo.

(10)

(17:36:23) **Secretá Spice** ® grita com O CIENTISTA: rs, não é que é tu mesmo! Saudações tananênicas for you! :O)...kd os *adereços de seu traje*? Pq está sem *roupa*???

(13:15:54) **Zônu** grita com Arcaja Uriel: UoooooooooIIIIIIIIII UoooooooooIIIIIIIIII e kd a *roupinha do nick*? Um Tananan tem sempre um *nick vestido* ;-))))))

A ausência de caracteres na composição dos *nicknames* provoca nesses usuários uma sensação coletiva de nudez. Acessar a sala com um *nick* sem os “adereços” é o mesmo que “está sem roupa”, portanto para que a conversação não seja tumultuada, é preciso “vestir-se”. Porém, quem ainda não conhece o “tanânês”, fica completamente perdido quando recebe mensagens como as que compõem (10). Isto mostra que o léxico em uma comunidade discursiva é muito importante na construção coletiva de uma identidade.

Diante da necessidade de redução de caracteres que o *chat* impõe, julgamos relevante esclarecer ainda que os subscritos e outros símbolos que compõem os *nicknames* não invalidam a leitura da abreviação. Primeiro porque os apelidos não são escritos *ad hoc*, como as conversas, mas são guardados no computador pessoal do *internauta* e “colados” no momento de acessar a sala (cf. exemplo 02). Depois, os apelidos surgem, automaticamente, no monitor sem que o usuário reescreva-os em todas as mensagens.

4. Considerações Finais

Este estudo mostrou um conjunto de coordenadas que ajudam a entender os hábitos lingüísticos de um grupo de usuários de *chat* que se constitui uma legítima CD. Estes *internautas* elaboram um uso lexical idiossincrático através de recursos de formação de palavras previstos pelo sistema lingüístico. Deste modo, podemos assinalar:

- a) que as abreviações se tornam uma norma no discurso dos *Tananans* a ser seguida por todos os adeptos do grupo. Os mais antigos são capazes de entrar no jogo dinâmico de linguagem a que se refere Crystal (2002), pois optam pela abreviação sem vogais, ao passo que os neófitos buscam atingir essa característica.
- b) que o fato de os membros formarem palavras, a partir do nome do grupo ou da ojeriza compartilhada ao recurso de falar reservadamente no *chat*, revela uma tendência de socialização materializada no senso de grupo hermético que querem atingir. Isto corrobora nossa afirmação de que os *Tananans* preenchem, etnograficamente, o critério lexical de uma comunidade discursiva.
- c) que o uso de *nicknames*, cuja norma, como também observa Crystal (2002), é a utilização de caracteres estranhos combinados com letras, números, traços e outros símbolos do teclado, gera palavras e expressões que passam a incorporar o léxico do grupo.

Todos os exemplos desse estudo projetam uma idéia do que seja o léxico desses usuários de *chat*. De um modo geral, podemos afirmar que as expressões são muito coloquiais, algumas já conhecidas como gírias e outras adaptadas para o *chat*. De qualquer maneira, os *Tananans* possuem um léxico específico em um processo constante de definição, pois devido ao fluxo dinâmico e conversacional do gênero, nunca poderemos dizer que já existe um léxico definido.

Para concluir, cumpre-nos afirmar que este artigo não encerra a discussão porque os dados carecem de mais estudo. Entre muitas possibilidades de amadurecimento, talvez, a elaboração do glossário *Tananês* fosse uma boa proposta de continuidade, a fim de conhecermos melhor o léxico desta comunidade discursiva virtual.

5. Referências

- ABREU, L. S. 2002 O *chat* educacional: o professor diante desse gênero emergente. In.: A. DIONÍSIO, A. R. MACHADO & M. A. BEZERRA (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro, Lucerna: 87-94.
- ARAÚJO, J. C. 2003 *Chat na Web: um estudo de gênero hipertextual*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará.
- _____. 2004 Gênero chat: caracterização e implicação pedagógica. *ANAIS do II Encontro Nacional de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino – ECLAE*. João Pessoa, Idéia : 983-993.

- _____. 2004a A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In. L. A. MARCUSCHI & A. C. XAVIER (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro, Lucerna: 91-109.
- _____. 2004b *Chat educacional: o discurso pedagógico na Internet*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Trabalho inédito.
- ARAÚJO, J. P. de. 2003 Caracterização do cibergênero home page corporativa ou institucional. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão. v. 3, n. 2. jan/jun: 135-167.
- BAKHTIN, M. 1981 *Marxismo e a filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- _____. 2000 *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARBOSA, M. A. 2000 Dois processos de engendramentos e manifestações do neologismo nos discursos essencialmente figurativos. In. J. C. AZEREDO (Org). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, Vozes: 176-191.
- BATISTA, M. E. 1998 *E-mails na troca de informação numa multinacional: o gênero e as escolhas léxico-gramaticais*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
- BECHARA, E. 1997 *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Editora Nacional.
- CRYSTAL, D. 2002 *El lenguaje e internet*. Cambridge, Cambridge University Press.
- DAVIS, B. H. & BREWER, J. P. 1997 *Electronic discourse. Linguistic individuals in virtual space*. New York: State University.
- ERICKSON, T. 1997 *Social interaction on the Net: virtual community as participatory genre. (Proceedings of the Thirtieth Hawaii International Conference on System Science*. January, Vol. VI: 13-21. Maui hawaii). Disponível em: <http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/VC_as_Genre.html>,1997. Acesso em: 10 out. de 2002.
- _____. 2000 Making sense of computer-mediated communication (CMC): Conversations as genres, CMC Systems as Genre Ecologies. In the *Proceedings of the Thirty-Third Hawaii International Conference on Systems Science*. (ed. J. F. Nunamaker, Jr.). IEEE Press. Disponível em: <http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/>. Acesso em: 10 de out. 2002.
- FONSECA, L. 2002 O uso de chats na aprendizagem de línguas estrangeiras. *Caligrama*. Revista do Departamento de Letras Românicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, vl. 07: 101-121.
- HOFFMAN, Robert. 1996 Computer networks: webs of communication for language teaching. In: M. C. PENNINGTON. (Ed.) *The power of call*. Houston: Athelstan.
- HORTON, W. 2000 *Web-based training*. Disponível em: <<http://www.horton.com/DesigningWTB>>. Acesso em 10 de out. 2002.
- JONSSON, E. 1997 *Electronic discourse: on speech and writing on the Internet*. Disponível em <<http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html>>. Acesso em: 11 de out. 2002.
- KOMESU, F. C. 2001 *A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet: a relação autor-herói*. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
- _____. 2004 Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In. L. A. MARCUSCHI & A. C. XAVIER (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro, Lucerna: 110-119.
- MAINGUENEAU, D. 1998 *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- MARCUSCHI, L. A. 2001 *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 3 ed. São Paulo: Cortez.

- _____. 2004 Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In. L. A. MARCUSCHI & A. C. XAVIER. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro, Lucerna: 13-67.
- MOTTA-ROTH, D. 2001 De receptor de informação a construtor de conhecimento: o uso do *chat* no ensino de inglês para formando de Letras. In. V. L. M. PAIVA (Org.) *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte, FALE-UFMG: 230-248.
- PARREIRAS, V. A. 2001 Estratégias de aprendizagem online e autonomia: uma relação biunívoca ou antagônica? In. V. L. M. PAIVA (Org.) *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte, FALE-UFMG: 192-201.
- PELLETIERI, J. 2000 Negotiation in cyberspace: the role of chatting in the development of grammatical competence. In.: M. WARSCHAUER & R. KERN (Eds.). *Network-based language teaching: concepts and practice*. USA, Cambridge University Press: 59-86.
- SCHWARTZ, M. & SCHWARTZ, C. 1969 Problems in participant observation. In. G.J. McCALL, & J. C. SIMMONS (Org.). *Issues in Participant Observation, a text and Reader*. Massachusetts, Addison-Wesley Publishing Company: 89-104.
- SWALES, J. M. 1990 Genre analysis. Setting the scene. *Genre analysis: english in academic and research settings*. Cambridge. University Press.
- _____. 1992 Re-thinking genre: another look at discourse community effects. Comunicação apresentada em Re-thinking Genre Colloquium, Ottawa Carleton University.
- XAVIER, A. C. & SANTOS, C. F. 2000 *Fórum na Internet: um gênero hipertextual*. Trabalho apresentado na XVIII Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste - GELNE (Salvador - Ba). Mimeo.
- YATES, S. J. 2000 Computer-Mediated Communication. The Future of the Letter? In: D. BARTON & N. HALL (Eds.) *Letter Writing as a Social Practice*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 233-251.
- YUAN, Y. 2003 The use of chat rooms in na ESL setting. *Computers and composition: an international journal*. vl. 20. 2: 194-206.